

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 23

2º Sem. 2011

p. 37-52

Dossiê:
LITERATURA CONTEMPORÂNEA

**RUMO À CULTURA
OCIDENTAL: A
TRAJETÓRIA DE
NAZNEEN EM *BRICK
LANE*, DE MONICA ALI**

**TOWARDS ADOPTING A
WESTERN CULTURE:
NAZNEEN IN MONICA
ALI'S *BRICK LANE*.**

Nelci Alves Coelho Silvestre¹

¹ Nelci Alves Coelho Silvestre, Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da Universidade Estadual de Maringá – UEM – nelcisolvestre@bol.com.br

RESUMO: Este artigo propõe analisar a representação da mulher diaspórica no romance *Brick Lane* (2003), de Monica Ali. A personagem feminina em questão é representada por uma bangladeshiana que se muda para a Inglaterra após um casamento arranjado com Chanu, também bangladeshiano, que vivia em Londres. O objetivo desse artigo é investigar de que maneira a protagonista é representada no romance, tendo em vista não só sua experiência em Londres, mas também sua vida em Bangladesh, seu país de origem. A metodologia de investigação baseia-se em textos teóricos que discutem a objetificação da mulher, silenciamento e tentativas de agência desenvolvidos por Ashcroft (1998), Bhabha (1991), Said (2007), Spivak (1987) e outros. Os resultados da pesquisa mostram que a subjetividade da protagonista é construída a partir de uma mulher submissa, sem ambições para uma mulher moderna e independente. Tal subjetividade é revelada por meio do *revide*, instrumento para a emancipação da personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Objetificação; Subjetificação.

ABSTRACT: The representation of the colonized in the novel *Brick Lane* (2003) by Monica Ali is analyzed. The female character in focus is represented by a Bangladeshi woman who moves from her country to England after an arranged marriage with Chanu, a Bangladeshi male already living in London. The essay investigates how the protagonist is represented in the novel and describes her experience in her native country and in England. The methodology consists of applying theoretical texts which discuss female objectification, silences and attempts towards agency, as developed by Ashcroft (1998), Bhabha (1991), Said (2007), Spivak (1987) and others. Results show that the protagonist's subjectivity has ranged from a submissive unambitious woman towards an independent and modern woman. This subjectivity is revealed through resistance which forms the character's emancipation.

KEYWORDS: Woman; Objectification; Subjectification.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a representação da mulher tem sido foco de inúmeros estudos no que se refere ao campo literário. A crítica literária feminista questiona os papéis desempenhados pela mulher numa sociedade marcada por uma herança patriarcal e hierárquica de relações sociais de dominação e opressão.

Nesse contexto, a literatura pós-colonial tem um papel significativo, pois aponta para o fato de que a mulher deve ser

definida a partir de sua cultura, de seu modo de estar em sociedade, de sua realidade concreta. Tal literatura contribui para a teoria feminista que pretende questionar e desconstruir os discursos criados e repetidos de desigualdade entre os gêneros.

Nos países islâmicos, o discurso patriarcal e sexista é ainda mais acentuado, uma vez que a religião impõe condições diferentes a homens e mulheres quanto às posições a serem ocupadas no contexto social. Os homens são responsáveis pelo sustento da família, enquanto as mulheres são relegadas ao trabalho doméstico e à educação da prole.

Cabe ressaltar que a feminilidade sempre foi representada tanto nos textos de autoria feminina quanto masculina como sendo frágil, dependente, submissa, evidenciando os mecanismos ideológicos das relações de poder entre homem e mulher. Com a construção das sociedades multiculturais, no século XV, pela diáspora, as mulheres muçulmanas acabam sendo vítimas do patriarcalismo de sua velha nação, pois têm que seguir as tradições de seu país de origem. O desejo de dominação e de exploração por parte dos homens diaspóricos pode interferir nas escolhas e decisões da mulher diaspórica.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho, cujo *corpus* é o romance *Brick Lane*, de Monica Ali, escrito em 2003, é verificar, sob a perspectiva da crítica feminista, de que forma a mulher diaspórica é representada na literatura. Para a análise, realizamos um recorte e observamos a personagem feminina, Nazneen, uma jovem muçulmana de dezoito anos, que foi dada, num casamento arranjado a Chanu, um bangladeshiano de quarenta anos, que estava morando em Londres. Nessa obra, abordam-se as estratégias de outremização relacionadas principalmente ao fato de a personagem ser mulher e membro de uma ex-colônia.

Oriunda de uma comunidade pós-colonial, Monica Ali, escritora britânica negra, nasceu em 1967, filha de pai bengalês e mãe inglesa. Em 1971, durante a Guerra da Independência, seus pais emigraram para a Inglaterra. A escritora escreveu vários contos e, após a publicação de seu primeiro romance *Brick Lane*, em janeiro de 2003, foi listada como uma das melhores romancistas inglesas.

A OUTREMIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA, DIÁSPORA E MULTICULTURALISMO

A dialética Outro/outro é a base do discurso imperial. Ela se instalou com a chegada dos colonizadores, quando os habitantes da colônia passaram a receber ordens dos recém-chegados, tornando-se, assim, objetos. Desse modo, a diferenciação entre Outro/outro existe a partir do momento em que o colonizador impõe-se como alguém superior ao colonizado.

Nas sociedades pós-coloniais, os componentes dessa relação - colonizador, colonizado, homem, mulher - estão presos a posições hierárquicas em que o sujeito oprimido prende-se a uma posição de inferioridade: o Outro – colonizador - posiciona-se como centro e relega o outro - o colonizado - à margem. Essa visão está intimamente ligada à dicotomia sujeito/objeto. Segundo Ashcroft et al. (1998), o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro é chamado de outremização. A estratégia vincula-se diretamente a formação do sujeito. Spivak (1987) apresenta três formas de como se realiza a outremização colonial: a primeira acontece quando há a exploração física do território não-europeu, onde o Outro molda o outro; a segunda ocorre via degradação do nativo, apresentado como selvagem, depravado, mentiroso; a terceira é um hiato entre o europeu (Outro) e o não-europeu (outro).

Assim como no sistema imperial houve uma imposição do colonizador, houve também uma imposição das relações sociais baseadas no gênero. Ao homem cabia a posição central enquanto a mulher era relegada ao papel secundário. A ideologia do gênero como a desigualdade entre homens e mulheres constitui um problema nas sociedades duplamente invadidas, pois por intermédio da ideologia sexo-gênero e também da ideologia binária entre o europeu e o não-europeu, o colonizador construiu o sujeito colonizado como ser inferior, tornando inferior também a mulher colonizada. O patriarcalismo, nesse viés, materializa a situação da mulher silenciada e submissa, objetificada pelo sistema colonial e patriarcal. Tais discrimina-

ções ditadas pelo patriarcado são uma forma de violência de gênero.

Os discursos feministas e pós-coloniais tentam mudar essa posição de marginalizado em face do sistema dominante, desmascarando seus modos e estruturas típicas. Assim, o sujeito colonizado busca se libertar das amarras do poder que o prendem, por meio do revide ou resistência, que é uma forma de reconquistar a posição de sujeito outrora usurpada, de se recusar a aceitar as imposições do Outro. Na teoria pós-colonial, a resistência não se limita a atitudes violentas, uma vez que pode ocorrer de forma silenciosa, pacífica, em vez de luta, de força física. Trata-se do revide discursivo via paródia, mímica, cortesia dissimulada e ironia.

A mímica consiste na cópia que o colonizado faz do colonizador, imitando seu modo de andar, de vestir e apropriando-se de sua cultura; a paródia também é uma imitação, mas por meio da escrita; a cortesia dissimulada é uma suposta aceitação, por parte do colonizado, dos valores, da cultura do colonizador, ou seja, uma maneira de não entrar em conflito direto com eles a fim de solapar sua autoridade; a ironia é o poder de dissimular, de enunciar um fato, quando se pensa outro.

A resistência dá ao sujeito pós-colonial a percepção crítica da sua condição e o meio para recuperar a sua subjetividade. A partir do revide, o sujeito colonizado busca recuperar sua voz e resgatar a sua agência. Cabe ressaltar que o processo diaspórico é o estopim para que o sujeito assuma sua identidade.

Segundo Bonnici (2009), a diáspora é o deslocamento de pessoas, que livre ou forçosamente, migram para outros países, outras regiões. Os sujeitos diaspóricos mantêm sua tradição e cultura pela manutenção da língua, da religião, do modo de pensar e agir. No entanto, a cultura original em contato com outra sofre transformações, visto que novos hábitos são assimilados. Estes interferem na identidade do sujeito diaspórico.

Os sujeitos envolvidos nesse processo sonham em retornar à terra natal. Para tanto, trabalham no país anfitrião na

ânsia de acumular capital suficiente para seu regresso e uma posição financeira mais confortável. Spivak (1996) apud Bonnici (2009), distingue duas possibilidades de diáspora: a) a pré-transnacional, responsável pelo deslocamento de milhões de escravos para trabalhar no novo mundo; b) a transnacional, que inclui os trabalhadores do *indentured labour* no século XIX e os deslocamentos contemporâneos.

Segundo Reis (2004), a diáspora transnacional, ou contemporânea, não implica necessariamente quebra definitiva de raízes com a pátria de origem. Esta diáspora está intimamente ligada aos movimentos globalizantes, os quais facilitaram o contato dos imigrantes com a terra natal. Tal diáspora é motivada pela procura de emprego, pela oportunidade de estudar ou de viajar para o exterior. Não é, como em outras épocas, uma experiência sempre traumática. Ao contrário, em muitos casos, proporciona ganhos econômicos aos países dos sujeitos diaspóricos.

A diáspora interfere na identidade cultural do sujeito que, por intermédio da zona de contato, possibilita uma mistura cultural, um sujeito híbrido. Esse hibridismo não é livre de tensão, pois o sujeito diaspórico mantém suas origens ao mesmo tempo que busca assimilar a nova cultura. A dificuldade de adaptação ao país anfitrião gera uma sensação de deslocamento profundo. Por isso, a vontade de regressar. Todavia, o retorno também se configura conflituoso devido à sensação normal de deslocamento, de não-pertencimento à terra. A partir dessa perspectiva Bonnici (2009, p. 280) comenta que: “As populações diaspóricas formam comunidades e encaram os processos de subjetificação através da memória e da identidade”. Nesse âmbito, notamos que a identidade do sujeito diaspórico é constantemente negociada e construída.

A protagonista Nazneen recusa-se a manter-se dentro dos limites prescritos pelo patriarcado e busca por melhores oportunidades para ela e suas filhas. Sua permanência em Londres legitima a perda de identidade da comunidade diaspórica e a sua substituição pela cultura europeia, resultado do multiculturalismo.

Multiculturalismo é a ideia ou crença de sociedades mistas ou culturalmente heterogêneas (HALL, 2006). A migração e o deslocamento dos povos, fenômenos conhecidos como diáspora, foram responsáveis pelas sociedades multiculturais. A migração livre, no caso do romance analisado, levou Nazneen e seu marido para a Inglaterra (metrópole). A Inglaterra, supostamente homogênea culturalmente, recebe a migração da ex-colônia Bangladesh, mas a exclui, pois a concentra numa comunidade e a torna invisível para o restante da sociedade.

A diferença cultural entre a comunidade diaspórica e a cultura dos britânicos projetou a dicotomia Outro/outro. O processo homogeneizante instaurado pela globalização dificulta a aceitação de outra cultura. Assim, a personagem em questão é objetificada pelos britânicos, relegada à invisibilidade e marginalidade. Semprini (1999, p. 43) comenta que: “O multiculturalismo lança a problemática do lugar e dos direitos das minorias em relação à maioria. Ele discute o problema da identidade e de seu reconhecimento”.

O romance em questão focaliza o tema do multiculturalismo em Londres. No entanto, o suposto multiculturalismo é desmascarado pela invisibilidade da comunidade *Tower Hamlets* e pela invisibilidade da personagem Nazneen. Para a protagonista, a Inglaterra falha na oferta de conforto e segurança, acarretando sentimentos de solidão e de exclusão. A solidão de Nazneen é tratada com antidepressivos, embora a irmã Hasina, em uma de suas cartas, afirme que: “Se médico receita pílulas você tem que tomar apesar de eu não saber que tipo de pílula consegue curar tristeza.” (ALI, 2004, p. 166). A invisibilidade da protagonista diante dos britânicos simboliza a dominação e a hierarquização operada por estes e condição marcante pela maneira que o sujeito é vítima do sistema dominante: “Em todos os seus dezoito anos de vida, ela mal podia lembrar um momento que houvesse passado sozinha. Até se casar. E vir para Londres e passar o dia inteiro neste caixote com móveis para espanar (...)” (ALI, 2004, p. 21).

De fato, em contato com a cultura dominante, a cultura bangladeshiana constrói um sujeito híbrido que convive na so-

cidade britânica na tentativa de ser aceita. Entretanto, as condições de moradia, trabalho como costureira, pagamento e educação evidenciam que a bangladeshiana é tratada como intrusa e, em consequência, é outremizada: "(...) Embaixo, as latas de lixo comunitárias cercam o pátio como guerreiros de metal agachados, competindo em sujeira, analisando a situação. Uma delas foi derrubada e despejou suas entranhas no chão. Um rato entra e sai das latas" (ALI, 2004, p. 82).

Diante do exposto, verificamos que o povo bangladeshiano passa por processos de exclusão social e sofre desvantagens na Inglaterra, uma vez que a aceitação da diferença cultural não é um caminho fácil. Nessa linha de raciocínio, observamos que a ideia de sociedade multicultural parece ser um sonho difícil de se concretizar. Afinal, o sujeito diaspórico só é sujeito dentro de sua comunidade; fora dela, ele é o outro. "Mas ninguém dava conta de sua existência." (ALI, 2004, p. 53).

A SUBJETIFICAÇÃO DE NAZNEEN

O romance *Brick Lane* é narrado em terceira pessoa, mas em alguns capítulos do livro há o uso da primeira pessoa: trata-se da narrativa epistolar de Hasina, irmã da protagonista. A fábula do romance pode ser dividida em três partes: a primeira ocorre em 1967; a segunda ocorre em 1985 e a terceira, em 2001. A história termina em março de 2002. Ao longo dos vinte e um capítulos narrados, o leitor conhece a história de Nazneen desde o seu nascimento até seu casamento arranjado, sua vinda para Londres e o nascimento de seus três filhos.

O ano de 1967 refere-se ao nascimento de Nazneen. Filha de Rupban e Hamid, Nazneen é deixada ao destino. 'Natimorta', ela surpreende a mãe, a tia e a parteira, pois mesmo sem receber tratamento hospitalar, retorna à vida. A mãe comete suicídio e o leitor só tem conhecimento desse fato pelas cartas de Hasina, muitos capítulos depois; o pai aparece com uma nova mulher, mas a relação não dura muito tempo. Hasina

foge com um rapaz para evitar um casamento arranjado e Nazneen, 18 anos, aceita seu destino, casando-se com Chanu, 40 anos, num casamento arranjado entre seu pai e o noivo.

Em 1985, Nazneen está em Londres com o marido, numa comunidade conhecida como *Tower Hamlets*. Nessa comunidade, ela conhece Razia, casada, com dois filhos Tariq e Shefali, que havia se mudado para o edifício Rosemead, dois andares abaixo da dama tatuada.

A narrativa apresenta a trajetória de Nazneen, a história de uma mulher criada sobre os moldes patriarcais bangladeshianos: passiva e submissa, que está tentando se libertar dos costumes ancestrais, da dominação do macho. Reparamos a tentativa de reação da personagem contra a superioridade do dominador quando ela almeja aprender a língua inglesa: “Eu gostaria de aprender um pouco de inglês_ disse Nazneen. Chanu encheu as bochechas de ar e soprou, fazendo *puf*. – Isto virá com o tempo. Não se preocupe. Qual é a necessidade disto agora?” (ALI, 2004, p. 34). Tal atitude simboliza o primeiro ato de resistência.

A opressão masculina, por meio da violência simbólica, em Nazneen, lhe é incumbida desde a chegada a Londres, ou seja, era necessário que ostentasse uma aparência de boa moça para a sociedade: “Ela raramente saía. – Por que você deveria sair? – Chanu dizia. – Se você sair, dez pessoas irão dizer, ‘Eu a vi andando na rua.’ E eu vou fazer papel de bobo “ (ALI, 2004, p. 42). Perante esse degradante estado de objetificação de Nazneen, podemos inferir o papel passivo, subalterno, imposto à mulher muçulmana. Embora referindo-se a outro contexto King (1991, p. 219) comenta que: “As mulheres não podiam transpor os limites da esfera privada para se introduzirem no espaço exterior onde, na vida econômica, social, política e cultural, quem prevalecia era o homem”. No entanto, o simbolismo que subjaz quando Nazneen decide sair do edifício onde morava e caminhar sozinha por *Brick Lane* é emblemático nesta altura da narrativa e na temática representada. Tal fato revela que ela busca se libertar das amarras que a prendem ao domínio de seu marido. Por intermédio desses atos de insubordinação, ela procura sua voz.

Essa mesma atitude de subjetividade é evidente quando Nazneen manifesta seu descontentamento com Chanu, que não demonstrava interesse em ajudar Hasina, irmã de nossa protagonista. Essa manifestação, ainda que interna, também é uma forma de resistência: “Nazneen retirou a promoção de suas preces. No dia seguinte ela picou duas pimentas vermelhas e ardidas e colocou-as, como se fossem granadas de mão, no sanduíche de Chanu. Meias sujas foram dobradas e colocadas de volta na gaveta. A gilete escorregou quando ela estava aparando os calos dele” (ALI, 2004, p. 59).

Nazneen é submetida às convenções da sociedade, pois era uma mulher inserida numa sociedade patriarcal: “Era domingo de manhã. Em breve eles sairiam para passear em *Brick Lane*, e Chanu empurraria o carrinho e ela caminharia um passo atrás.” (ALI, 2004, p. 86). De acordo com o desenvolvimento da fábula, percebemos a frustração da personagem principal diante dos limites impostos pela ideologia patriarcal: “O papel dela era sentar e esperar. Mesmo que o furacão estivesse vindo em sua direção. Para ela, não restava mais nada a fazer. Não havia mais nada que Deus desejasse que ela fizesse. (...) Como era difícil esta história de ficar imóvel” (ALI, 2004, p. 97).

O silêncio também é outro aspecto a ser ressaltado nesse romance. Vemos que a personagem não dialoga com o marido. Nazneen caminha pela rua *Brick Lane* com o esposo e até sente vontade de falar o que pensa, de conversar, mas se cala ou então responde: “Se você está dizendo, marido.” (ALI, 2004, p. 95). Ela silencia a raiva dentro dela enquanto aparenta passividade. Contudo, seus pensamentos apresentam um senso de determinação: “Nazneen ficou calada. Seu estômago apertou. Sua cabeça doeu. Só o que ele sabia fazer era falar. (...) Enquanto a vida dela, ao contrário, consistia em uma série de inquietações, mal definidas e impossíveis de aplacar” (ALI, 2004, p. 79).

Outro fato que corrobora a gradativa libertação de Nazneen é o fato de o marido manter consigo o sonho de retorno ao país de origem. “... Mas você não deve se preocupar com isso. Logo nós estaremos em nossa terra de novo.” (ALI,

2003, p. 243). A Inglaterra era vista como a “terra prometida” em termos de oportunidade econômica, permitindo ao povo de Bangladesh acreditar que poderiam enriquecer naquele lugar. “Este tempo todo eles pensaram que eu fosse rico. Por que eu ficaria aqui nesta terra estrangeira se não estivesse enriquecendo?” (ALI, 2004, p. 126).

Esse processo lento e gradativo de renegociação do espaço em que vive ocorre durante a doença do filho Raqib. Nazneen resolve ir para casa a fim de cuidar da higiene pessoal. Após o banho, veste as calças de Chanu e olha-se no espelho. Em seguida, retira-as. “Caminhando sobre a colcha, ela se imaginou balançando uma bolsa como as moças brancas. Levantou mais ainda a saia e examinou suas pernas no espelho.” (ALI, 2004, p. 135). Ademais a personagem tenta aprender a língua do colonizador, mas Chanu não consegue assimilar a ideia ocidental de que a esposa precisasse aprender o idioma para se comunicar. “_ Logo que eu me casei, eu quis ir para o colégio aprender inglês. Mas seu pai disse que não havia necessidade.” (ALI, 2004, p. 183). Mais adiante, percebemos que a personagem apodera-se da língua europeia: “Nos últimos quinze anos, ela adquiriu vocabulário aqui e ali. A televisão, as raras conversas nas poucas lojas não-bengalesa em que entrava, o dentista, o médico, professores das escolas das meninas. Mas foram as meninas que ensinaram a ela” (ALI, 2004, p. 183).

Nazneen tenta copiar as vestimentas britânicas, trocando o sári por roupas ocidentais. Porém, não se adapta, pois ainda se considera membro de uma sociedade tradicional. A maneira de se vestir continua a mesma, mas a maneira de se comportar, e de agir, que simbolizam uma crítica aos moldes que lhe foram inferidos, vão mudando gradativamente, visto que ela almeja trabalhar. O marido a censura, mas compra uma máquina de costura para que ela pudesse trabalhar em casa. Somente a partir desse momento, ela assume sua condição de sujeito, passando a lutar pela sua agência.

É possível perceber, desde a chegada do casal a Londres, uma mulher atuante dentro da esfera doméstica, o que revela Chanu como a extensão de uma ideologia dominadora.

As relações de poder e força estão bem evidenciadas no marido de Nazneen, que exerce a autoridade por intermédio das palavras. “Ele falava e ela ouvia.” (ALI, 2004, p. 39). Com efeito, o discurso de Chanu é uma arma de manipulação da esposa, sua principal estratégia de dominação.

Nazneen está confinada pelas circunstâncias, pelas tradições que silenciam e oprimem as mulheres. No entanto, seu estilo contradiz as estruturas tradicionais da sociedade onde está inserida, uma vez que ela não aceita isso passivamente, mostrando sinais de mudança e ocidentalização: “Se ela tivesse um emprego poderia economizar. E se economizasse, eles teriam dinheiro suficiente para ir para Dacca. Ou se eles não fossem para Dacca, ela teria economizado o suficiente para mandar dinheiro para Hasina” (ALI, 2004, p. 177).

Após essa dupla conquista: a aquisição da língua e o fato de poder trabalhar, Nazneen conhece Karim, um novo intermediário para sua facção. A partir do relacionamento que tem com ele, ela compensa a relação inadequada que mantém com seu esposo, visto que Chanu nunca consegue alcançar seus objetivos. Embora ambos os relacionamentos fracassem, ela permanece determinada a seguir seu coração e não cometer suicídio como a mãe.

Após certo tempo de envolvimento, Nazneen descobre seu poder, sua força, pois passa a olhar para si mesma com seus próprios olhos, caminhando rumo ao encontro de sua identidade: “Quando se infiltrou em seu cérebro, a idéia de que o poder estava dentro dela, que ela o havia criado, ela a abandonou como sendo uma presunção. Como uma mulher tão fraca poderia liberar uma força tão grande? Ela se rendeu ao destino e não a si própria” (ALI, 2004, p. 285).

A partir de então tenta ser dona de seu corpo em detrimento a tudo que acreditava, emergindo gradativamente como sujeito. Percebemos que todo o caminho trilhado pela personagem a conduz a refletir e assumir sua posição de sujeito capaz de questionar e transformar as situações. Essa busca por um espaço mais igualitário se acentua quando ela tem um esgotamento nervoso, solução para resgatar a sua voz, pois a partir

desse episódio, o marido passa a referir-se a Nazneen como se ela não estivesse presente: “Ela está desobedecendo ao médico. Vai arrumar encrenca.” (ALI, 2004, p. 212). Desse momento em diante, notamos o revide da personagem via discurso: “Ela está prestando atenção. Mas não está obedecendo.” (ALI, 2004, p. 324).

Já curada dos nervos, a protagonista presencia uma discussão entre Shahana e o marido e outra vez, faz ouvir a sua voz: “Eu digo que ela pode ir – ela disse, mas como ambos estavam gritando ela não foi ouvida. _Eu digo que ela pode ir - ela berrou. Fez-se um silêncio cheio de perplexidade, como se ela tivesse arrancado a língua deles (...)” (ALI, 2004, p. 331). Nesse fragmento podemos perceber que há o desejo e a certeza de desmontar a ideologia que moldou a mulher, que a aprisionou aos paradigmas da sociedade patriarcal.

É pertinente ressaltar, aqui, o discurso de Nazneen, principal arma de resistência da mulher duplamente objetificada, para contestar o poder da Senhora Islam, como poderemos verificar a seguir: “Não? – disse Nazneen. Ela achou que estava gritando, mas não conseguiu conter-se. _Não cobra juros? Não é uma agiota? Então está bem. Jure. _Ela foi até onde o Livro estava guardado. O vidro rangia sob suas sandálias. _ Jure sobre o Alcorão. E eu lhe darei as duzentas libras” (ALI, 2004, p. 424).

A postura contestadora do poder que vemos em Nazneen é resultado de sua gradativa libertação, de sua reflexão sobre a opressora. A descoberta de que ela pode ser livre, independente, culmina no rompimento com Karim: “Eu não quero me casar com você.” (ALI, 2004, p. 430). Consciente de que suas verdades são diferentes das verdades que por tanto tempo havia sustentado seu eu, a protagonista decide ficar na Inglaterra e comunica tal fato ao marido pouco antes do embarque: “Eu não posso ir com você – ela disse.” (ALI, 2004, p. 456) Assim, ela ultrapassa obstáculos e rompe com a ideologia patriarcal, edificando-se como sujeito. Além disso, assegura as filhas que: “Ficar ou ir, vai depender de nós três.” (ALI, 2004, p. 458). Com esse discurso ela vai além das fronteiras, mostrando que

o aparente domínio patriarcal estava ruindo.

A negação de voltar para sua terra confirma a resistência de Nazneen. Ao adentrar no mundo ocidental, ela rompe com a tradição, com a cultura que a colocou em uma posição de inferioridade. Ao se perceber com mais autoconfiança, mostra-se capaz de compreender uma outra forma de viver a vida, por meio de seu trabalho com Razia: “Sem Razia não haveria nenhum dinheiro, porque Karim tinha desaparecido. Ela não tinha outro intermediário, nenhum contato na fábrica, nenhum trabalho para a sua agulha, nenhum meio de sustentar as crianças” (ALI, 2004, p. 462).

Esse processo colabora no sentido de alcançar uma nova visão do mundo em que vive e onde pode se identificar como um sujeito com poder: “Eu virei. Quero participar, embora só tenha ido a poucas daquelas reuniões – disse Nazneen. (...) Ela disse: _ Mas isto foi antes de saber o que eu poderia fazer” (ALI, 2004, p. 464).

O fim do romance apresenta a visão da pista de esqui no gelo, símbolo da perda de identidade da comunidade diaspórica e sua substituição pela cultura hegemônica europeia: “Nazneen virou-se. Pisar fisicamente no gelo – já não parecia importar. Mentalmente ela já estava lá. Ela disse: - mas não se pode patinar de sári. Razia já estava amarrando as botas. – Isto aqui é a Inglaterra – ela disse. – Você pode fazer o que quiser” (ALI, 2004, p. 470). De fato, Nazneen vai além das fronteiras impostas pela sua cultura e pelo gênero e renegocia o espaço destinado a ela enquanto mulher, assimilando os valores da cultura ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, constatamos que o recorte analisado apresenta uma visão crítica sobre a repressão feminina diante dos aspectos da ideologia dominante. A partir da opressão exercida pelo marido, verificamos que a personagem utiliza-se de estratégias de resistência na busca pela subjetificação.

A personagem Nazneen figura bem a mulher imigrante que sente que o outro país, pode proporcionar-lhe uma vida promissora. Em sua terra natal, Nazneen ocupava uma posição social de subalterna, visto que o patriarcalismo era responsável pelas regras. Porém, com a chegada na Inglaterra, recusa-se a participar do sistema que a oprimia, no qual o homem é o núcleo, o detentor do poder. Então ela luta para conquistar sua alteridade.

A crítica é apresentada por meio da posição social da mulher bangladeshiana, que reavalia sua posição de mulher numa sociedade patriarcal e, como sujeito diaspórico, aproveita para libertar-se completamente do opressor, resgatando sua identidade. É em decorrência do seu romance com Karim, do seu esgotamento nervoso que notamos a gradativa subjetificação de Nazneen.

Ela demonstra que é sujeito, mostrando firmeza e caráter mesmo quando o marido e o amante retornam a Bangladesh, resistindo à exclusão imposta pelos ingleses. A bangladeshiana não abandona o país anfitrião e trabalha ao lado da amiga Razia. Ela parece não permitir que as portas do país anfitrião se fechem para ela e suas filhas, consideradas inferiores, insignificantes, e segue seu caminho, lutando para sustentá-las. A personagem passa a exercer o papel de *designer*, tentando romper as barreiras que a separavam das oportunidades ofertadas pelo país promissor.

Sua trajetória aponta direcionamentos na busca por mudanças e por uma conquista de espaços mais igualitários dentro da sociedade. A protagonista se enxerga mais fortalecida após abrir a mente para outra cultura. Podemos abstrair que as estratégias de resistência ao patriarcado e ao colonialismo e as suas influências na formação de uma sociedade podem ser o caminho para a constituição da identidade feminina.

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B. et al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.
- ALI, Monica. *Brick Lane*. New York: Scribner International, 2003.
- ALI, Monica. *Um lugar chamado Brick Lane*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- BONNICI, Thomas et al. *Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- KING, M. *A mulher renascentista*. Lisboa: Editora Presença, 1991.
- REIS, Michele. Theorizing Diaspora: Perspectives on "Classical" and "Contemporary" Diaspora. *International Migration*, Oxford, Main Street Malden, v. 42 (2). Blackwell, p.41-54, 2004.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: Edusc, 1999.
- SPIVAK, G. C. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, (p. 215-219)